

UNIVERSIDADE FEDERAL DE DANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO

Julia Bragil Biazzi

**ADAPTAR:
EXPERIÊNCIAS DE UM CORPO-DANÇA EM ISOLAMENTO SOCIAL**

Santa Maria, RS
2020

Julia Bragil Biazzi

**ADAPTAR:
EXPERIÊNCIAS DE UM CORPO-DANÇA EM ISOLAMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharela em Dança.**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Naim Haddad
Co-Orientadora: Profa. Dra. Silvia S. Wolff

Santa Maria, RS
2020

Julia Bragil Biazzi

**ADAPTAR:
EXPERIÊNCIAS DE UM CORPO-DANÇA EM ISOLAMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Dança**.

Aprovado em: 11 de Fevereiro de 2021:

Luiz Naim Haddad, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Silvia S. Wolff, Dra. (UFSM)
(Co-Orientadora)

Tatiana W. R. Joseph, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2020

AGRADECIMENTOS

Este momento de agradecimentos é bastante especial, simplesmente porque não poderia deixar de falar de algumas pessoas que foram tão fundamentais para a conclusão de mais esta etapa. Assim,

- Agradeço ao professor orientador deste trabalho, Luiz Naim Haddad.
- Gostaria de agradecer às minhas colegas de TCC – Ana Julia, Fernanda, Giullia, Jaqueline e Luana – que de maneira incansável pesquisaram, dançaram, e escreveram sobre seus afetos e que, além disso, não me deixaram sozinha em nenhum momento. Obrigada!
- Também não posso deixar de falar sobre o apoio incansável da minha família (Álvaro, Nazaré e Aldo) e namorado (Eduardo), que novamente estiveram presentes na escrita deste segundo TCC, na retaguarda, cuidando de tudo da melhor forma possível.
- Um agradecimento especial à professora Silvia Wolff que sempre esteve por perto, desde o início em 2014 quando tive minha primeira experiência enquanto bolsista em seu projeto.
- Agradeço também a todo grupo do Coletivo Nó Companhia de Dança que me permitiu continuar dançando durante a pandemia.
- Também um agradecimento especial à equipe da ONG Royale Escola de Dança e Integração Social, da qual sou professora, por acreditar na arte em tempos pandêmicos e por ver em mim todo meu potencial.
- Agradeço a minha amiga Milena Colognese pelo seu olhar atento e cuidadoso diante da edição da minha obra de videodança. E assim, agradeço também a minha querida amiga Marcella Rodrigues por estar sempre por perto e por dividir comigo tantas angustias e desafios de se trabalhar em meio à pandemia.
- Por fim, agradeço às minhas alunas e alunos que tantas e tantas vezes me tiraram da zona de conforto e me fizeram procurar ser melhor. Que a vida nos permita compartilhar muitas coisas juntos.

Agradeço a cada uma e cada um de vocês porque com coragem passamos juntos pelo pior momento em que vive o Brasil. Seguimos esperando a vacina e confiando que de hoje em diante a arte, a educação e a ciência sejam mais valorizadas.

RESUMO

ADAPTAR: EXPERIÊNCIAS DE UM CORPO-DANÇA EM ISOLAMENTO SOCIAL

AUTORA: Julia Bragil Biazzi
ORIENTADOR: Luiz Naim Haddad
CO-ORIENTADORA: Silvia S. Wolff

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um estudo que visa refletir sobre a produção artística da autora em tempos de isolamento social. A reflexão busca evidenciar experiências de vida, utilizando-as no processo de criação. A pesquisa se desenvolveu pela prática resultando na produção de uma obra de videodança onde a autora pesquisou as possibilidades de se fazer-pensar dança, confinada nas paredes de sua casa. Este trabalho é organizado com a metodologia de pesquisa Autoetnografia, abordagem qualitativa que evidencia experiências pessoais a fim de criar saberes plurais. Além disso, esta pesquisa visa questionar e dialogar com as relações de presença na dança principalmente pensando no âmbito das tecnologias digitais e a forma como todo este sistema exige um adaptar-se dos corpos artistas.

Palavras-chave: Criação em Dança, Experiências de Vida, Videodança.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – frame de vídeo: dança com as sombras.....	15
Figura 2 – Frame de vídeo: Câmera filmando câmera	17
Figura 3 – Retorno de uma das colegas de grupo.....	18
Figura 4 – Diagrama com nome da obra	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ADAPTAR: OS CAMINHOS DE PESQUISA	11
1.1 DO PROCESSO DE CRIAÇÃO À OBRA	13
2 SABERES METODOLÓGICOS PARA FAZER-PENSAR DANÇA	20
2.1 DA APRESENTAÇÃO DA OBRA AOS OLHARES DO PÚBLICO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

A minha atuação na dança é o eixo central do desenvolvimento da discussão presente neste estudo. Entender e compreender minha trajetória na dança me traz diretamente para este momento de pesquisa.

A dança sempre foi uma escolha consciente, trabalhar a arte, a docência, do/no/pelo corpo, entendendo e buscando novas maneiras de fazer-pensar dança. Comecei dançando bem cedo, ainda criança e estas vivências do movimento dançado foram transformando aspectos em mim, desde a consciência corporal até a formação de um pensamento mais crítico e sensível pela arte.

Chego neste momento de pesquisa, um pouco mais madura; a minha relação com a dança tem se transformado desde a escolha pelo curso em Dança - Licenciatura no primeiro vestibular em 2014. Outras maneiras do movimento dançado, uma relação entre aprender coisas extremamente novas e ressignificar outras tantas que aprendi antes. A escolha primeiramente pela Dança-Licenciatura e a profissão de *artistadocente*¹ exercida por mim e defendida na conclusão do primeiro curso. O meu percurso de constante transformação entre a arte e a docência e as relações entre elas, me trouxeram exatamente aqui, neste outro desafio de pesquisa. Aqui, dançando, ensinando, arte educando.

Antes que eu continue esta discussão, gostaria de justificar a minha escolha por uma escrita mais pessoal e poética e entendendo a prática em dança como eixo fundamental desta pesquisa, busco aqui uma “escrita performativa” descrita como

aquela organizada pela prática, à partir da prática. [...] Assim, a arte deixa de ser apenas um produto ou mesmo um processo a ser descrito, analisado e inserido em outros moldes (por mais abertos e dinâmicos que sejam), e passa a ser em si mesma o modo de (des)organizar discursos e métodos. (FERNANDES, 2014, p.2)

Aqui, escrevo pela prática em dança, a escrita acontece na medida em que danço e dançando experiencio outras formas de fazer-pensar.

¹Defendi o uso do termo “*artistadocente*” grafado sem hífen, na pesquisa de TCC em Dança – Licenciatura (disponível nas referências deste trabalho), onde apoiada em Neila Baldi (2017) o termo é grafado desta maneira para evitar uma dicotomia onde o *artistadocente* é 100% as duas coisas.

Imersa neste contexto da dança, do ensino e pesquisa em artes, optei por continuar minha formação e finalizar a curso de Dança-Bacharelado, o qual consegui fazer graças ao aproveitamento de algumas disciplinas da formação inicial em Dança-Licenciatura. Cheguei então à etapa final da formação, a pesquisa do trabalho de conclusão de curso, certa de que ia pesquisar experiências relacionadas à minha maneira de fazer-pensar dança.

Neste sentido, pouca coisa mudou, pesquisei e ainda pesquiso minhas próprias experiências em dança, entendendo que esta também é outra maneira de se produzir conhecimento em arte e assim também questionar e entender o papel e o lugar da dança dentro da universidade onde, como aponta Rocha (2012, p. 35) “Quando a dança entra na universidade ela inaugura não somente novos objetos de conhecimento, mas novos modos de conhecer, transformando-os inclusive e necessariamente em outros modos de fazer”.

Assim, sigo trabalhando este meu exercício de pesquisa em artes.

Mas, diante deste contexto, é importante abordar os desafios pelos quais passamos no ano de 2020. A disseminação do vírus SARS-Cov-2 causando a pandemia de COVID-19, fez o mundo enfrentar o isolamento social e trouxe algumas mudanças ao meu desejo de pesquisa.

Diante da pandemia, confinada em casa em meio ao isolamento social, comecei a questionar-me sobre o fazer artístico nestes tempos. A “nova” ideia de pesquisa surgiu em meio a questionamentos sobre meu próprio fazer artístico enquanto artista. “A inquietação ganha visibilidade no corpo quando se configura como ação e se torna, inevitavelmente política” (GREINER, 2020, p. 82). A partir disso, o intuito deste projeto é pesquisar minhas próprias vivências, a fim de compreender experiências dançadas do (m)eu corpo atravessado pelo isolamento social. Também, diante da necessidade de adaptação, o grande uso das tecnologias de comunicação, como celulares, computadores, *tablets*, plataformas de videoconferência, etc., entender e experienciar esta presença que acontece pelas telas. As sensações de dançar e estar junto, mesmo tão distante. E assim, ressignificar pela dança o (meu) isolamento social.

Pensando em outros modos de fazer-pensar dança esta problemática de pesquisa vem atrelada à produção de uma videodança para questionar a presença na tela e como aponta Santana (2011, p. 3) para “propor uma organização não mais fechada na estrutura de “caixa-preta” – configuração de um palco italiano – mas em

um ambiente sistêmico que permite a interação e a imersão.” E, além disso, para possibilitar outra forma de acesso à arte, através das redes de comunicação.

Além disso, entendo ser necessário apontar e discutir a manutenção e produção do meu trabalho artístico neste período para reafirmar a importância de se pensar a arte como profissão e área de saber, e a partir disso, busco proporcionar reflexões a mim mesma, às colaboradoras deste trabalho e também a outras e outros artistas da dança, trazendo possíveis reflexões à sociedade e à cultura local, principalmente pensando estas diferentes formas de acessar a arte.

Assim, os objetivos desta pesquisa podem ser listados abaixo, sem uma ordem crescente.

- Pesquisar, a partir da produção de uma obra de videodança, a presença que se transforma, pensando no contato do público com a artista, da própria artista com as outras colegas do grupo (grupo este do qual faço parte, que é composto por outras alunas da disciplina de TCC do curso de Dança – Bacharelado) e a relação com as telas.

- Ressignificar as sensações e experiências de um corpo-dança durante o isolamento social;

- Possibilitar espaços para discutir o lugar da arte dentro da universidade.

Para percorrer por estes objetivos e para realização desta pesquisa, me apoio em algumas referências básicas que julgo ser importantes para a contextualização da obra e da escrita. Apoiando-me na autoetnografia², justifico minha escrita mais pessoal e poética, onde escrita e dança acontecem de maneira simultânea - O processo de criação está nos dois lugares. E trago Ciane Fernandes, para dialogar sobre seus estudos da prática como pesquisa que me auxilia na pesquisa com prática artística.

Além disso, para trabalhar com uma obra de videodança, os estudos sobre dança e tecnologia são fundamentais, assim, Ivani Santana em seus estudos sobre dança com mediação tecnológica, dão o pontapé inicial para esta pesquisa.

Para os estudos sobre processo trago Christine Greiner e para pensar o corpo e a presença em dança, dialogo com Jussara Miller.

²Forma de pesquisa qualitativa onde a autora pesquisa suas próprias experiências ligando estas reflexões à cultura, política e sociedade (VERSIANI, 2002).

1 ADAPTAR: OS CAMINHOS DE PESQUISA

Adaptar: Verbo transitivo direto. Modificar (algo) para que se acomode (à uma nova situação). Adaptar-se... Buscar outras formas de mover, movimentar, fazer-pensar. Corpo isolado, filmado, fotografado, projetado; corpo presente, presença que dilui, presença transformada, presença que transborda as telas.

A palavra adaptar acompanha-me desde as primeiras semanas de isolamento social pelo qual estamos passando neste ano de 2020/2021. Adaptar no sentido de buscar outros modos de fazer, outras maneiras de seguir. Adaptar vem como palavra-movimento a mim, corpo isolado. Adaptar gera em mim inquietações e desejos de pesquisa para este Trabalho de Conclusão de Curso.

Adaptar é o primeiro estímulo criativo para a minha pesquisa prática em dança, a fim de entender e ressignificar as diferentes sensações do isolamento social e das relações de presença por meio das telas; Adaptar é verbo e veio mover em mim, tirar do eixo e causar estranhamento.

Neste momento da pesquisa, minha dança e escrita acontecem juntas, e aqui gostaria de chamá-la novamente de “escrevedança”. Novamente, pois na pesquisa e escrita do TCC em Dança-Licenciatura, comecei a utilizar este caminho. Assim, a escrita está diretamente relacionada à prática e a busca por uma escrita performativa.

Escrevedança tem relação direta com esta tentativa de escrita poética e autobiográfica aqui adotada, mas também está associada à maneira como a pesquisa vai acontecendo. Este escrevedança faz parte de uma dança-pesquisa ou pesquisa-dança diretamente ligada a este movimento de fazer-pensar e é neste movimento que se encontra minha dança. (BIAZZI, 2017, p. 21)

Assim, escrevedança ou dançandoescrevendo, movimento de fazer-pensar que acontece simultaneamente, escolhi trabalhar com a autoetnografia por acreditar nas possibilidades que esta metodologia pode me oferecer. Diante do contexto em que estou vivendo, ou seja, pesquisando sobre mim mesma, em meio a uma pandemia, em diferentes formas de acesso e produção de arte, este caminho veio para auxiliar no processo de pesquisa.

Entender que dança dança um corpo isolado, meu próprio fazer artístico e assim,

O conceito de *autoetnografia* também parece produtivo para a leitura de escritas de sujeitos/autores que refletem sobre sua própria inserção social, histórica, identitária e, em especial no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários, também como um possível modo de conquistar visibilidade política. (VERSIANI, 2002, p. 64)

Reafirmar meu lugar enquanto mulher artista e também demarcar o espaço da dança dentro da Universidade.

Também, além da utilização da metodologia autoetnográfica, que assume a pesquisa das minhas experiências, a prática vem da produção de uma obra de videodança, sendo esta a saída encontrada para o trabalho durante o isolamento social diante de teatros, galerias e espaços de arte fechados e principalmente para questionar a presença na/pelas/atraves das telas. Segundo Wolff (2013, p. 5) “a videodança apresenta um diálogo entre a dança e o vídeo gerando uma obra onde essas linguagens se tornam indissociáveis. É uma arte que existe apenas no vídeo e para o vídeo”. E assim, entendendo a videodança como uma obra híbrida, o trabalho corporal desta pesquisa está atrelado aos estudos de vídeo e filmagem.

Assim, reunindo cada um dos pontos de interrogação desta pesquisa, dei início ao trabalho prático. Para pensar neste lugar do isolamento social, foi necessário trabalhar com uma preparação corporal diferente das minhas práticas habituais de dança. O fato de não precisar sair de casa, caminhar, ou andar de ônibus, separar uma mochila com roupas, água, ir até uma sala de dança, mudaram a maneira como me preparei para as práticas. Estar em frente a uma tela, conectada com muita gente e ao mesmo tempo sozinha em casa, trouxe a necessidade de um respiro maior. Parar, olhar, sentir, - aguçar os cinco sentidos e estar atenta às texturas do chão, parede, móveis; prestar atenção nos cheiros, nos sons, no espaço. Uma escuta do corpo. Jussara Miller e Cora Laszlo (2020), em seu estudo recente sobre a dança e a presença em tempos de isolamento social, também apontam a necessidade de um preparo corporal diferente para esta dança.

A escuta do corpo é essencial para iniciar e desenvolver o trabalho. Um convite para que, mesmo conectados pela internet e por dispositivos tecnológicos, possamos trazer a atenção para nós, nossas sensações, espaços articulares, tensões, desejos de movimento e fluxo. (MILLER; LASZLO, 2020, p. 69)

Deste modo, à partir de uma escuta sensível do corpo, fui estabelecendo uma rotina de trabalho prático pessoal – Exercícios diários de alongamentos bem como exercícios articulares e de consciência corporal para ir aos poucos tirando rigidez de um corpo em isolamento – paralelo aos planejamentos e desafios em ser uma professora de dança em aulas on-line.

Participar de cursos, oficinas e aulas de dança, tais como oficina de “Samba de Passista” com a professora Karen Tolentino pelo Grupo de Mulheres Amor Movimento e Dança de Santa Maria, aulas de dança com os integrantes do coletivo que participo, a NÓ Companhia de Dança, também de Santa Maria, oficinas online de Dança Contemporânea pela semana de portas abertas da escola Angel Vianna, um curso online de oito semanas para alongamento ministrado pela professora de balé e fisioterapeuta Mari D’leite – das quais só foram possíveis graças ao encurtamento das distâncias via rede – também foi fundamental para formar os questionamentos em relação a essa presença. Estar com o outro mesmo distante. Sendo a dança a arte da presença, que presença é essa que se faz pelas redes de comunicação digital?

1.1 DO PROCESSO DE CRIAÇÃO À OBRA

A partir do preparo corporal anunciado anteriormente, comecei trabalhando práticas corporais em espaços pequenos – a sala, o quarto, a cozinha... Lugares da minha própria casa. Esta ideia se deu em meio a práticas propostas pelo professor orientador desta pesquisa e também pelas colegas da turma de TCC. O estudo da dança aconteceu em cada um destes locais, ora explorando movimentos grandes em espaços pequenos, ora movimentos pequenos em espaços ainda menores, ora tentando dançar sentada, em pé, ocupar os espaços que as paredes da minha casa possibilitavam a mim.

Assim, assumindo o lugar da improvisação/experimentação em dança, como um dos vários ângulos de se olhar a dança contemporânea (Miller, 2011), fui escolhendo outros caminhos para o processo criativo desta pesquisa.

De um espaço pequeno fui para um menor ainda. Como é dançar sentada, em frente a uma tela – lugar onde passei e ainda tenho passado boa parte deste isolamento. Como é dançar movendo apenas os pés, ou apenas as mãos, ou qualquer outra parte do corpo... Como é dançar pelas articulações nestes espaços

tão restritos? Como pensar outros espaços a partir deste mesmo lugar? E assim, diante de todos os infinitos questionamentos a mim mesma sobre que dança é essa que se dança isolada e buscando outros espaços da casa, resolvi que minha pesquisa se daria no espaço do meu quarto e o objetivo nunca foi simular estar num espaço ideal – uma sala de dança – mas observar a dança e as relações em um espaço real (Miller; Laszlo, 2020), e assim, dançar com os móveis no meio do caminho, um espaço no canto entre uma cadeira e uma mesa, um espaço entre a cama e a parede e as infinitas possibilidades do mover no agora.

No pequeno espaço do meu quarto, resolvi olhar minha dança pelo recorte que a minha cama fazia na parede e formava um espaço cênico, diferente e desafiador. E com isso, iniciei as experimentações com as câmeras (neste caso, utilizei câmeras de celular). Os desafios de experimentar enquadramentos, direções, planos de gravação, o que gravar, o que selecionar, acompanharam-me durante todo o processo de pesquisa deste TCC. E neste lugar de produzir uma obra híbrida, onde vídeo e dança acontecem juntos, o verbo “adaptar” trouxe novas possibilidades à pesquisa.

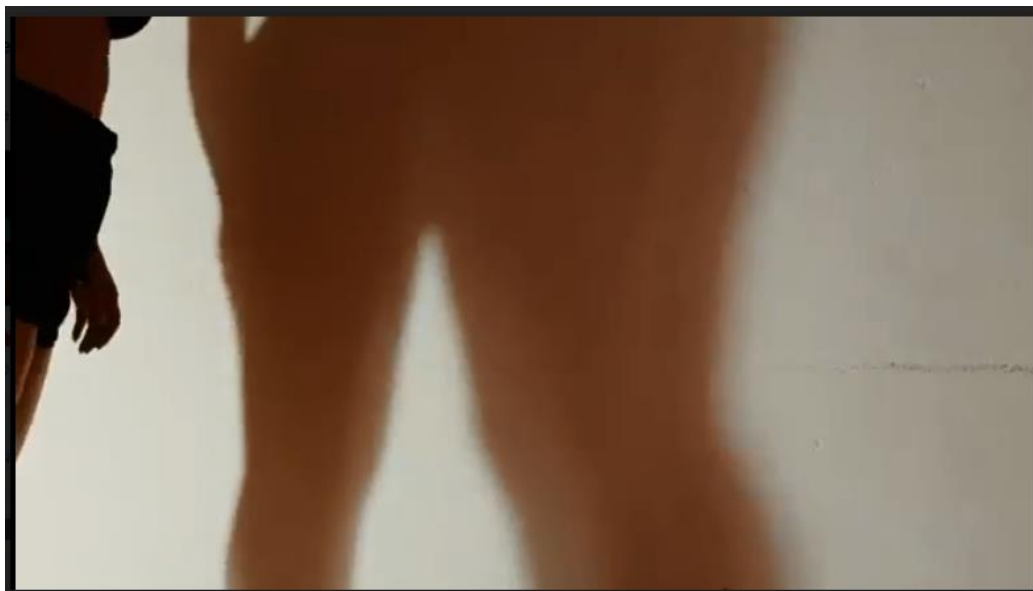
Verbo de ação questionou ainda mais o meu dançar, passei a pensar no adaptar como outros modos de ver, um olhar por outro ângulo e diante deste olhar, do movimento ou da câmera, a videodança trouxe a possibilidade de acesso a outros modos de fazer-pensar dança e também para “propor uma organização não mais fechada na estrutura de “caixa-preta” – configuração de um palco italiano – mas em um ambiente sistêmico que permite interação e a imersão”. (SANTANA, 2011, p. 3).

Da escolha pelo espaço pequeno da cama e embaixo dela e os estudos sobre videodança, fui trabalhando dia a dia minha pesquisa. Depois de escolhido o espaço, “adicionei” a mistura um novo desafio, como dançar grande em um espaço pequeno e como capturar cada um desses movimentos para que o vídeo acontecesse com a dança. Entre plays e pauses, filmagens e mais filmagens, fui selecionando ângulo, luz, espaço, cena. Fui coreógrafa de mim mesma na medida em que escolhia com que velocidade trabalhar, que iluminação usar, que movimentações fazer.

Entre as capturas de imagens, percebi em meio à iluminação, a possibilidade de dançar com as sombras que meu corpo formava na parede atrás de mim e assim,

jogar com a possibilidade de questionamento sobre o que está por trás disso ou o que se vê além das telas do computador.

Figura 1 - frame de vídeo: dança com as sombras



Fonte: arquivo da autora

Além disso, assistindo depois cada uma das imagens capturadas, buscar novos caminhos para a pesquisa. A imagem acima é apenas um frame da obra de videodança, mostra minha sombra na parede ao mesmo tempo em que parte do meu corpo em cena. Assistir as filmagens possibilitou trabalhar com escolhas, o que usar, no que investir a partir daquilo que se mostra na experiência, o que pretendo mostrar com isso. E, conectada aos estudos do campo da cultura visual, trago Martins (2015) para o diálogo, para refletir sobre os significados de cada uma destas imagens a mim mesma e as possíveis interpretações sobre este trabalho, onde compreende que

Significados não são substâncias aderentes, tipo de mensagem cifrada, inscrição ou tatuagem que acompanham e identificam a imagem. A imagem é uma condição vinculada ao modo como uma concepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto na qual os vivenciamos. (MARTINS, 2015, p. 27)

Assim, as imagens deste trabalho – compreendidas aqui em vídeo – estão inundadas de significados a mim, mas aberta a infinitas possibilidades de outros olhares e sentires.

É importante falar que esta pesquisa se trata também de compreender minimamente o isolamento como ferramenta que filmou, fotografou e enquadrou no computador muitos corpos artistas, “construir poéticas possíveis para refletir e ressignificar a quarentena com poesia e resistência” (MILLER; LASZLO, 2020, p. 78).

No processo de criação em dança, algumas coisas acontecem simultaneamente... Enquanto explorava modos de capturar imagens de mim, passei a pensar na sonorização do trabalho. Será uma música? Qual música? Um som mais clássico (no sentido de música de concerto ou erudita, popular nas obras de balé clássico), ruídos sonoros, ou até mesmo o som do ambiente... O som da respiração, ou o próprio som do corpo no espaço, não sei.

Assim, enquanto criava pequenas sequências de movimento ao mesmo tempo em que experimentava questões do vídeo, passei a utilizar sons. Com auxílio do professor orientador deste processo, decidimos por usar uma trilha sonora mais convencional com melodias e nuances que me pareceram mais familiares. Além disso, achei extremamente importante que em meio ao processo de reconhecer os movimentos do meu corpo isolado aparecesse também os sons/ruídos que me acompanharam durante esta etapa, tais como sons de reformas de casa, barulhos de furadeira, martelo, obras, etc. Além disso, o som de respiração trás ao vídeo e aos movimentos a sensação de ambientação e preparo para o que está por acontecer.

Em meio às escolhas sobre o processo e a rotina das práticas, comecei a produzir um roteiro para dar início à produção técnica do vídeo, O roteiro possibilitou um dialogo criativo entre a editora e eu, reservando a ela certa carga de autoria, já que “a edição da videodança é parte da criação coreográfica, pois ali é estabelecida a dramaturgia do trabalho, pois quem edita direciona o olhar de quem vê: o que acontece ou o que mostra em dança” (MILLER; LASZLO, 2020, p.74). Entendendo a edição como um processo de criação, eu e a editora fizemos este trabalho juntas, em sintonia e buscando atender cada um dos desejos desta obra e pesquisa.

Filmar meu corpo em isolamento passou também pelo lugar de tirar o celular (a câmera) do plano estático e passar a gravar imagens do meu corpo em

movimento – eu gravando a mim mesma – e a relação com o espaço. E, do caminho de filmar meu corpo, passei a utilizar e explorar imagens da câmera filmando uma câmera que filmava a mim e assim provocar a ideia da presença na tela, do corpo filmado, fotografado, projetado, visto por milhares de olhos e sensações.

Figura 2 – Frame de vídeo: Câmera filmando câmera



Fonte: arquivo da autora

Um corpo que dança e explora algumas das infinitas possibilidades de ver e ser visto, abordado aqui pelo jogo de filmagens com mais de uma câmera. A figura 2 é um breve resumo do trabalho; a imagem recortada, onde é possível ver dois, três vídeos simultâneos.

Depois desta etapa, adaptar veio novamente auxiliar no processo de criação, ao mesmo tempo em que enviei pequenas filmagens a minhas colegas de grupo, esperando retornos, sensações, impactos... Neste sentido comecei a explorar outros apoios do meu corpo no chão, cabeça, braços, cotovelo, olhar de ponta cabeça como olhar por outro ângulo, etc.

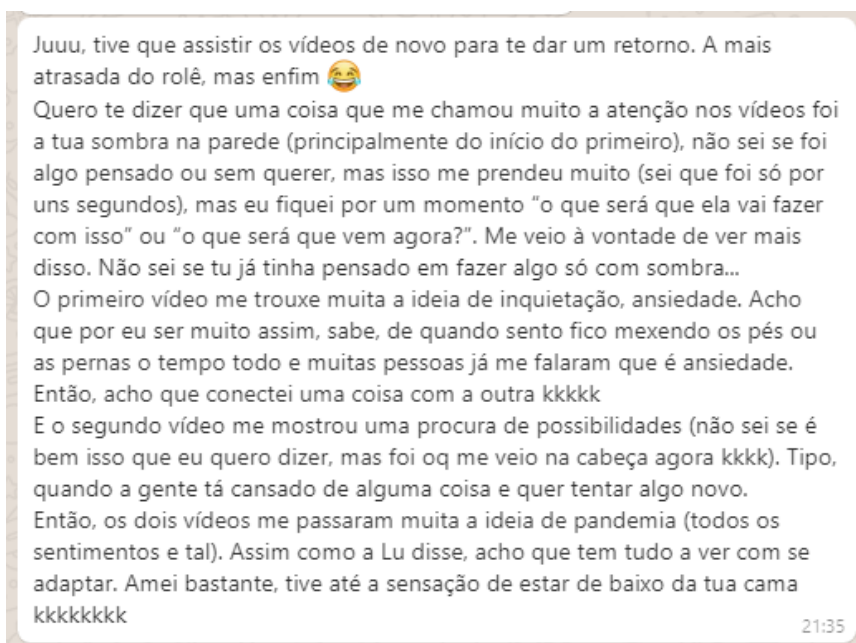
O breve retorno de cada uma delas aos pequenos vídeos que havia enviado foram de fundamental importância para esta pesquisa, pois assim senti que incluía

na pesquisa o grupo, do qual fiz parte deste o início deste estudo. Apoiada na autoetnografia, entendi que

ênfatizando a presença do Outro na escrita do Eu, acaba por incluir no discurso autobiográfico, através da memória e das condições históricas em que se deu o processo de subjetivação, as vozes de outros *sel/ves*. (VERSIANI, 2002, p.60)

A partir disso, pude explorar não apenas a minha experiência única de corpo isolado, mas a experiência com respingos e sensações de outras mulheres artistas, mesmo que brevemente.

Figura 3 - Retorno de uma das colegas de grupo



Fonte: Captura de tela de *Whatsapp*. Arquivo da autora.

Acima, um dos *feedbacks* que tive a possibilidade de receber de uma das minhas colegas de grupo. Foi interessante ler e perceber que compartilhávamos de sensações parecidas. A ansiedade diante da pandemia, a inquietação e busca por possibilidades de produzir arte, o estado da presença. Todas estas etapas de reconhecimento aconteceram durante a pesquisa corporal.

Minha pesquisa prática em dança e o processo de criação da obra aconteceram a partir do que eu poderia chamar de pontos de ignição, algo como um

estímulo criativo para a produção. Assim, é possível listá-los de maneira a abrir espaços. Neste sentido, comecei trabalhando com espaços pequenos, ao mesmo tempo em que explorava movimentos grandes e pequenos. Depois disso, desenvolvi o estudo da câmera em busca de entender enquadramentos, desenhos, formas de filmar. Seguindo este caminho, centrei-me no estudo das sombras para pensar o que acontece além do que se pode ver nas bordas da câmera e, assim, dando início a experimentações com sons, músicas e a sonoridades do trabalho. O verbo adaptar e as sensações e retorno das colegas de grupo também guiaram o trabalho no sentido de entender a presença da dança e conversando novamente com Miller e Laszlo (2020) “a presença permitida através das telas”.

O processo de pesquisa prática, criação e concepção do trabalho deram origem à obra de videodança que chamei de:

Figura 4 – Diagrama com nome da obra



Fonte: arquivo da autora

Onde agrupei as principais palavras que trabalhei desta pesquisa e assim, formando um desenho, buscando sempre o caminho da escrita performática, um corpo atravessado por cada uma dessas questões que se ligam de alguma maneira. A figura 4 mostra o diagrama das palavras, e o jogo com as relações.

2 SABERES METODOLÓGICOS PARA FAZER-PENSAR DANÇA

Para entender e questionar as experiências do meu corpo-dança em isolamento, antes é preciso entender as transformações pelas quais os corpos passaram durante a pandemia. Não apenas o meu, mas todos, de maneira geral. Entender como o mover-se mudou e como as relações de presença mudaram também.

O corpo em quarentena é outro corpo. É um corpo que se move diferente, e que vê muito mais. É um corpo filmado e observado por todos os ângulos possíveis. Talvez e na maioria das vezes o corpo isolado é também o corpo isolado do movimento, é o corpo cadeira, é o corpo que toma forma e ângulo, reto e rígido. Com as medidas de isolamento social “o movimento foi colocado em prisão domiciliar” (LEPECKI, 2020, p. 4).

Além disso, também é importante contextualizar este meu lugar de fala. Aqui proponho uma discussão para pensar o corpo artista em isolamento sem deixar de considerar meu lugar de privilégio enquanto mulher branca que mesmo com todos os contratempos seguiu trabalhando graças ao acesso a tecnologia e internet que não são bens comuns a todas e todos nós.

Ainda assim, mesmo pelo olhar de quem conseguiu permanecer em isolamento social – como maneira de proteger e cuidar daqueles que não puderam parar - o movimento mudou.

a experiência vivida no confinamento não tem sido de pausa; a sensação é de que o movimento foi apenas deslocado ou re-modulado. As metáforas de “pausa”, “reclusão” e “suspensão de atividades” somente mascaram a hiperatividade do capital e da polícia (o capital enquanto polícia) durante o confinamento e como confinamento. (LEPECKI, 2020, p.6)

A mim, corpo artistadocente, a experiência foi de extremo movimento, confinada, pouquíssimos dias foram de pausa. O trabalho burocrático aumentou muito. Entender o funcionamento de plataformas digitais para o trabalho foi um desafio à parte e ao mesmo tempo em que meu mover criativo, em dança, foi deixado de lado, dançar também foi um lugar de refugio, “a dança revelou-se, no atual contexto, como uma necessidade de vida, de força e de luta para ressignificar o presente” (MILLER; LASZLO, 2020, p. 72).

Assim, ao mesmo tempo em que o momento pedia pausa, não conseguimos parar e o trabalho, nos espaços e paredes de casa tomou grandes proporções.

Da mesma forma que o mover na pandemia mudou, o corpo também mudou. Não no sentido de sua forma, mas a visualização do corpo mudou. Jeremy Stolow (2020) entende o corpo pandêmico como uma criatura bastante expansiva, compreendido entre a estrutura complexa a qual chamamos de “corpo humano” e o microambiente em que esse corpo está situado.

Onde quer que se queira traçar a linha que delimita um território chamado ‘indivíduo humano’, parece que não podemos desenredar esse corpo da névoa circuncidante de atividade microscópica. A pandemia atual, ao mesmo tempo, aguçou e recalibrou nossa percepção desse território indefinido que liga corpo e meio ambiente. (STOLOW, 2020, p. 7)

Esse corpo pandêmico que parece ter aumentado de tamanho, aumentado as margens, onde não se sabe se o distanciamento social é de um metro e meio ou dois, onde não se pode tocar, onde não se pode estar perto. Esse corpo pandêmico que transformou a minha relação corpo-dança.

Mas, que corpo-dança é esse? Chamo assim a mim mesma, um corpo-dança. Um corpo que dança, mas que é dança e que pela dança comunica, vê, entende, expressa e questiona. Um corpo que é presença e entende a dança como relação, como escuta de si, como área de conhecimento. Um corpo que entende a dança como arte da presença. E o isolamento social veio balançar todas estas estruturas... Como ser presença estando assim tão distante?

Para dar movimento ao momento de confinamento, as tecnologias tornaram-se aliadas para suprir as necessidades dos corpos em relação, em conexão, em presença. (MILLER; LASZLO, 2020, p. 64)

E parece que isso tem tomado grandes proporções. Abraçar a tecnologia e suas possibilidades e (re)descobrir este lugar que já vem sendo explorado por muitas e muitos artistas. Encontrar caminhos para se produzir dança e manter a conexão.

Através das telas a presença tem se transformado e a sensação é de que transbordam as margens visíveis da câmera, do quadradinho da tela do computador. As aulas e conexões síncronas buscam a todo custo a presença, um estar junto e,

dessa forma, exigiu de nós adaptação; à mim, corpo-dança adaptar foi o eixo principal do processo de criação desta pesquisa – como apontado anteriormente – e apesar disso, ainda é preciso compreender que este adaptar-se a uma nova situação trouxe consigo a dificuldade de assumir ou negar certas coisas.

É óbvio para muita gente que as tecnologias trouxeram grandes benefícios a nós e é óbvio a mim também. Mas, além disso, sabemos de todas as questões nas quais é preciso pensar e refletir sobre o uso das tecnologias digitais no que diz respeito ao acesso muito rápido a informações com pouca qualidade, à manipulação de dados e informações, à vigilância sobre nossos corpos, à produção exacerbada que se origina no encurtamento do espaço-tempo no meio digital. Então adaptar vem neste contexto. A possibilidade de adaptar-se a uma nova situação, entender os contratempos e buscar, por exemplo, dentro do espaço do quarto, um mundo todinho de novas possibilidades. Descobrir as fronteiras entre corpo e ambiente e explorar minha própria criatividade em busca de outra forma de produzir dança. Confinada. É fato que adaptar trouxe benefícios a mim, descobrir que posso ressignificar estas experiências e pensar a dança em outros espaços que não os convencionais espaços de arte – teatros, galerias, palcos. Mas também gerou infinitas reflexões... Até que ponto adaptar-me à situação foi uma escolha? Existiu, neste caminho, outra maneira de pensar minha dança em isolamento que não adaptando-me à situação?

Na análise sobre aulas on-line proposto por Miller e Laszlo (2020) elas apontam a fragilidade das políticas culturais do nosso país diante da não valorização da classe artística, resultando em infinitas atividades artísticas não-monetizadas, com a desculpa de que tudo vai passar e colocando a arte novamente apenas como entretenimento ou lugar de conforto.

E é nesse sentido que dialogo com o verbo adaptar. Buscando lugares para compreender minha própria produção artística em isolamento – a sobrevivência da artista – bem como ressignificar a experiência de estar em isolamento social. E também abrir certo espaço para pensar e refletir nas transformações corpo e tecnologia e o que isso significa. Pensar esse corpo cada dia mais tecnológico.

Com a tecnologia instalando-se cada vez mais próxima ao corpo, com o mundo preparando-se para a obsolescência das telas, com a sacração da lógica do software como a operacionalidade reguladora dos sujeitos e dos ambientes [...] há que pensar sobre o corpo que dança e sobre a dança que esse corpo faz. (KATZ, 2015, p. 9)

Pensar, como propõe Katz (2015) em seus estudos sobre o corpo apps e a produção cultural regida por editais, que dança é essa que esse corpo faz. Com a tecnologia aproximando-se cada vez mais dos corpos e mudando o tempo com que as coisas acontecem. O tempo do processo de criação, de pensar a pesquisa, etc.

Assim, entendendo-me enquanto corpo-dança isolada entre as paredes da minha casa, produzindo e pesquisando sobre dança em meio a pandemia, buscando entender as relações de presença nas telas, é que produzi minha obra de videodança. Adaptando-me a todas estas situações e descobrindo pelo olhar criativo artístico, outras tantas infinitas possibilidades de um pequeno espaço. Assumindo os riscos de uma pesquisa em artes.

2.1 DA APRESENTAÇÃO DA OBRA AOS OLHARES DO PÚBLICO

Por esse viés, a obra de videodança “corpo isolado, filmado, adaptado” foi apresentada ao público de maneira online via plataforma *Youtube*, no dia 21 de Janeiro de 2020. A estreia aconteceu às 19 horas e ainda está disponível nesta mesma plataforma. Juntamente com a obra, um formulário na plataforma *Google* também foi criado para possíveis contribuições do público.

Aqui, acho importante falar sobre a sensação de estreia... Tudo aconteceu de maneira virtual, online. Sem estar em contato com o público e nem mesmo vê-los. Sem sentir o que se sente no palco. Sem a “proteção” da quarta parede ou o espaço cênico da caixa preta. Sem iluminação, figurinos, sem equipe de apoio. Mas o frio na barriga foi o mesmo, sabe? Esperar o horário programado na própria plataforma e ver ali, a obra que foi gerada ao longo de todo o ano, e que nasceu no momento da estreia, no contato com o público.

Na videodança, o movimento é contaminado pela tecnologia do vídeo, sendo redescoberto a cada diferente captura realizada pela câmera ou através do processo de edição das imagens capturadas, fazendo com que a cena seja modificada pelo tempo e pelo espaço do vídeo. (ANGELI; GASPERI, 2019, p. 4)

Pensar esta obra apresentada online me retorna novamente para discutir e pensar a presença; apesar de toda a distância, a atmosfera gerada, foi de presença.

Algumas pessoas, das quais convidei para assistir, esperaram comigo o momento de começar, o play na plataforma. Neste sentido, não só o momento de estarmos todas juntas esperando começar bem como a obra em si, transformou a atmosfera. “A virtualidade presente na videodança faz com que a fisicalidade do corpo não esteja presente na relação que a obra estabelece com o espectador [...], assim, é a imagem que constrói a conexão com o espectador e não mais o corpo.” (ANGELI; GASPERI, 2019, p. 4)

Os estudos sobre enquadramento, profundidade, distância entre corpo e câmera, entre muitas outras coisas, causaram essa sensação, “convocando um estado de presença virtual, voltado para as telas” (MILLER; LASZLO, 2020, p.70).

Pelo olhar da autoetnografia é que construí esta pesquisa; estudando minhas próprias demandas enquanto mulher artista, tentando construir saberes plurais, buscando reafirmar, pela prática e escrita meu lugar e assim continuar existindo mesmo na pandemia. E, neste sentido, minha pesquisa prática é banhada de mim mesma... Cada caminho percorrido, cada centímetro estudado, cada obstáculo enfrentado e cada etapa concluída são nada mais do que experiências vividas neste corpo-dança que aqui escreve. Experiências que são tão necessárias e importantes quanto qualquer outra pesquisa para se pensar as diferentes possibilidades de pesquisa em artes. Desta forma, esta pesquisa também busca diálogo e reflexões sobre diferentes modos de fazer-pensar dança.

Assim, tão conectada às experiências em mim e à maneira como as coloquei em cena, gostaria agora de trazer algumas contribuições que recebi pós-apresentação da obra, via formulário *Google* e *WhatsApp*; novamente trazendo Martins (2015) e entendendo que os significados são construídos e não estão presos nas imagens que vemos, dialogo com estes relatos, procurando pontos em comum com a experiência vivida em isolamento.

“O fundo inicial proporciona uma agonia junto ao tempo, ele parece se estender e quando a imagem dos pés aparece é como se você estivesse tentando se livrar de algo (lembra quando as pessoas são enforcadas – os pés se debatendo) esse livrar-se me remete ao desconforto do isolamento, seja social pensando no momento que vivemos, seja do isolamento das partes do corpo que são filmadas separadamente.”

Neste pequeno trecho, retirado de uma das respostas do formulário que criei para contribuições, consigo encontrar pequenos pontos de congruência. Quem escreveu este trecho também é uma mulher artista e pesquisadora e talvez, por

também estar produzindo arte durante a pandemia, compartilhe de algumas sensações comigo. O desconforto do isolamento, que aparece no relato é um sentimento comum também a mim. O corpo isolado pelas partes vem a mim como imagem do corpo recortado pelo espaço da tela, pelo tamanho da imagem.

Sobre o tempo, talvez não tenha se estendido, a passagem do espaço-tempo na videodança acontece diferente. Mais rápida, mais dinâmica, com outras percepções. Mas o tempo em isolamento foi realmente outro, talvez a rapidez com que conseguimos nos comunicar via plataformas e aparelhos digitais, pressionou nossos corpos em busca de encurtar o tempo.

Pensando nas dinâmicas de tempo e espaço, gostaria de falar um pouco sobre a escolha de “cenário”. O pequeno recorte que a cama produz na parede e o espaço apertado entre o chão e a cama foram fundamentais para pensar esse corpo-dança, corpo artista em isolamento e as possibilidades que pensar pela arte traz a alguém assim, em pausa. Será que a cama foi espaço de esconderijo e refúgio a mim? Será que foi um espaço de adaptação onde a artista consegue criar infinitas possibilidades com tão pouco? “[...] com a poética de estar à imagem por baixo da cama também penso num pequeno refúgio de esconderijo, mas que era possível esconder algumas partes do corpo, mas não era vontade da artista esconder tudo. Então há sempre algo a ser revelado, sempre há algo a ser compartilhado, mesmo que seja de dentro de uma casa, de dentro de um quarto, com uma câmera caseira. Há sempre o que se mostrar quando se é artista.” Este trecho é uma transcrição de áudio, que recebi via *WhatsApp*, como um dos *feedbacks* do trabalho.

Não sei ao certo se “há sempre o que se mostrar quando se é artista”... O não mostrar também é questionador. O corpo que não aparece enquanto aparece a sombra, o corpo e o espaço que não aparece do outro lado da câmera. Talvez, quando se é artista, há sempre o que se perguntar...

Há sempre o que se perguntar sobre esse corpo que dança e que dançou em pausa e há que se dizer também, que apesar da obra ter formato de vídeo – com um recorte de tempo – ela segue em processo de pesquisa. Neste momento já tenho me questionado sobre uma infinidade de coisas que num momento anterior não fizeram parte de mim e esta é a beleza de uma pesquisa em arte e mais especificamente de uma obra de dança contemporânea... Ela é um processo. “Sendo a dança contemporânea, ela mesma, de natureza processual, seria afinal o

próprio espetáculo sempre um processo, assim como todas as suas “versões” preliminares?” (GREINER, 2010, p. 79). Ela é um processo, pois os questionamentos não cessam e a pesquisa é viva. Cada novo olhar, cada nova experiência muda à maneira como resificamos tudo isso no corpo. Ela é um processo também, pois cada pessoa que assiste, vê e sente de múltiplas maneiras.

E analisando todas as contribuições que recebi do público – que não foram muitas – selecionei trechos de três relatos. Escolhi estes, especificamente, pois apresentavam a meu ver um olhar mais curioso em relação à obra. Um olhar mais atento. “Percebi nos movimentos e na sua expressão uma situação de ociosidade e tédio, até de preocupação com relação ao momento em que todos nós estamos vivendo, mas em contra partida, sinto que podemos nos reinventar e sair da nossa zona de conforto, usando apenas o nosso quarto.”

Relatos como esse (recebido também pelo *WhatsApp*) que me apontaram sensações para além da estética de edição da videodança que a meu ver também foi fundamental. Sair desta zona de conforto para mim é adaptar, mas novamente gostaria de questionar se esse adaptar é impositivo ou é algo que a artista teve a possibilidade de escolher? Adaptei-me? Sim... Mas existia outra maneira de sentir estas experiências em dança confinada nas paredes e espaços da minha casa? Existiu outro lugar para este corpo artista que não este pequeno espaço? Não sei...

“Corpo filmado, isolado e adaptado” mostra meu corpo da maneira mais genuína como vivi todos estes dias, exposta, em todos os sentidos. Filmada sim, fotografada também e conectada com muitas pessoas diariamente. Mostra meu corpo exposto sem qualquer figurino mais rebuscado ou iluminação mais profissional, mostra a mim, no que podemos chamar de espaço mais íntimo de uma casa, o quarto. Mostra meu processo de adaptação mais intenso em relação ao que escolhia filmar ou não, mostrar ou não, aparecer ou não. Mostra talvez a fragilidade dia após dia em que convivemos com as sensações de pandemia e de um corpo pandêmico.

É também um espaço de reconhecimento do lugar de onde habito agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito ser de extrema importância apontar aqui que estas são apenas algumas considerações à respeito da pesquisa mas que talvez não sejam finais. A pesquisa de movimentos e experiências não se finda aqui e percorre, trazendo muito mais questionamentos.

Apresento os lugares por onde andei e com eles, onde cheguei neste momento mas entendo que a pesquisa é viva e aberta à outros tantos possíveis desdobramentos. Da mesma forma que este trabalho apresentava objetivos iniciais, talvez seja importante falar sobre eles aqui; de certa forma passei por cada um, buscando responder e talvez gerar ainda mais perguntas a mim mesma e à esta pesquisa.

Refletindo sobre a presença na dança e pelas telas, e buscando de certa forma compreender como isto vinha acontecendo nos processos artísticos dos corpos em isolamento, criei e apresentei a obra de videodança “corpo isolado, filmado, adaptado”, ali, encontrei caminhos para pensar sobre a imagem dos corpos e a virtualidade pandêmica. Além disso, pensar a dança como arte da presença, a presença cênica e essa conexão pelas telas.

A presença cênica na videodança pode ser observada através da relação construída entre o espectador e o corpo na virtualidade. Neste momento, embora o corpo não seja presente no espaço físico, é possível reconhecer nesta relação, os efeitos da presença cênica. O espectador e as imagens estabelecem um contato bastante intenso no qual pode-se observar uma troca de sensações e afetos, ocasionada através da projeção do corpo físico no meio virtual. (ANGELI; GASPERI, 2019, p.6)

A partir disso, compreender que a presença cênica pelas telas acontece por outros caminhos que não a relação direta entre artista/bailarina/interprete-criadora e público e sim através das imagens de seu corpo no espaço. Mas ainda assim, mesmo nas obras em vídeo, as imagens são carregadas de significados e afetos, diferentes a cada pessoa que assiste. Da mesma forma, a presença, no sentido literal da palavra – existir em algum lugar – tem acontecido de maneira síncrona, onde antes mesmo da conexão via chamadas de vídeo, já existe um preparo do tempo e espaço.

E assim, muitas e muitos de nós, têm mantido suas atividades de maneira online e síncrona, trabalhando e produzindo obras de arte para continuar existindo em meio à pandemia.

Com esta pesquisa também busquei ressignificar as sensações pelas quais passei durante o isolamento social. Entender pela arte os lugares de medo e desafio da incerteza do momento. Falar, sobretudo dançando, quantas milhões de possibilidades podem existir a um corpo em isolamento na medida em que produz arte do interior de seu quarto. Ressignificar dançando, todos os caminhos tortuosos pelos quais passamos até chegar aqui. E tornar ainda mais minha dança em um ato político na medida em que continuo produzindo e pensando sobre arte e dança, diante do total despreparo dos governos federal, estadual e municipal em pensar ações emergenciais para auxiliar artistas no período da pandemia.

Minha dança, que no vídeo foi enclausurada, foi filmada, foi fotografada, meu corpo que foi exposto em ângulos, direções, cores e gestos, refletiu cada uma das sensações que passaram por mim neste período e que de alguma forma foram compartilhadas com outros artistas e com público na medida em que também sentiram ansiedade, medo, inquietude, solidão, desconforto, potência criativa e força. Meu corpo-dança isolado foi filmado, exposto e visto de muitos ângulos...

Minha dança, aqui como pesquisa criativa possibilita espaços para pensar estas outras maneiras de se pesquisar em artes e entender a importância de se criar saberes plurais, banhados pela voz da pesquisadora e repleta de experiências vividas com outros corpos, outros afetos, outras possibilidades.

E é desta forma que vou finalizando, por hora, esta pesquisa... Mas não posso deixar de apresentar outros tantos questionamentos, que foram surgindo ao longo desta escrita, que ficam para um próximo momento. São questionamentos a respeito das telas que invadiram as casa sem pedir permissão nenhuma (e não é de hoje). São câmeras, celulares, dispositivos eletrônicos que filmaram e deixaram expostas as vidas de muitas famílias em busca do *home Office*. Até que ponto fomos obrigados a nos “adaptar” para existir nessa lógica de produção exacerbada? O que esse adaptar causou aos nossos corpos-danças? Como a produção digital, expandida em 2020 mudou nossa maneira de produzir arte?

Bom, ainda não tive tempo em refletir sobre estas outras infinitas questões, mas aqui posso dizer que em 2020/21 senti, em cada centímetro que sou – deste corpo-dança pandêmico, que mudou de tamanho – e tudo que senti, dancei.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, D. T.; ROCCO, G. A Presentificação do Performer na Videodança. In: **Anais do VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas – 2019**, n. 4. Disponível em: <<https://gongo.nics.unicamp.br/revistadigital/index.php/simposiorfc/article/view/652>> Acesso em: 12 jan. 2021.
- BIAZZI, J.B. “Escrevedança” com um processo criativo. In: **A construção da artistadocente: experiências que (trans)formam**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Dança – Licenciatura). Santa Maria, 2017, cap.2, p. 21 – 35.
- FERNANDES, Ciane. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa. In: CONGRESSO DA ABRACE, 8., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 1 - 6.
- GREINER, C. Indagações sobre o que pode (ser) um processo. In: GREINER, C.; ESPIRITO SANTO, C.; SOBRAL, S. (Orgs.). **Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: criações e conexões**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. Disponível em: <http://issuu.com/itaucultural/docs/rumos_danca_criacoesconexoes/6#> Acesso em: 10 set. 2020.
- KATZ, H. Conexões entre o corpo apps e o mundo regido por editais. In: **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA 2015**. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2015/papers/conexoes-entre-o-corpo-apps-e-o-mundo-regido-por-editais>> Acesso em: 12 jan 2021.
- LEPECKI, A. O Movimento na Pausa. In: **Contactos**. 2020. Disponível em: <<https://contactos.tome.press/movimento-na-pausa/?lang=pt-br>> Acesso em: 12 jan. 2021.
- MARTINS, R. A Cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, M. O. (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015, cap. 1, p. 17-180.
- MILLER, J.. Dança e educação somática: a técnica na cena contemporânea. In: Marino, Nirvana; Wosniak, Cristiane. (Org.). **O avesso do corpo: educação somática como práxis**. Joinville: Nova Letra, 2011. p. 147-161.
- MILLER, J.; LASZLO, C.M. Corpos em conexão, corpos em presença. **Revista Manuá de Pesquisa em Artes Cênicas**, v. 3, n.2, p. 60 – 81. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/23207>> Acesso em: 12 jan. 2021.
- ROCHA, T. Por uma docência com dança contemporânea. In: GOLÇALVES, T.; BRIONES, H.; PARRA, D.; VIEIRA, C. (Org.). **Docência-artista do artista-docente: Seminário Dança teatro Educação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 32-49.

SANTANA, I. Pequena introdução à dança com mediação tecnológica. **Revista da Bahia**, v. 41, p. 127-137, 2005.

STOLOW, J. Algumas notas sobre a visualização do corpo pandêmico. **Espiritualidade Intitucionalizada**, 21 de Maio de 2020. Disponível em: <<https://nues.com.br/algumas-notas-sobre-a-visualizacao-do-corpo-pandemico/>> Acesso em: 12 jan. 2021.

VERSIANI, D. B. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. IN: **Letras de hoje**. Porto Alegre. V. 37, n.º. 4, p. 57 – 72, dezembro, 2002.

WOLFF, S. S. Corpo Tecnológico: sobre as relações entre Dança, Tecnologia e Videodança. **Revista Cena**, Rio Grande do Sul, n. 14, não paginado, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/43214/28883>> Acesso em: 12 jan. 2021.